



© Laura Roque

**«Perguntar-se sobre a natureza humana é essencial para a escrita – é algo de que a escrita é refém, até. Só que essa é uma pergunta sempre em expansão», diz Judite Canha Fernandes, autora do romance premiado *Um Passo para Sul*, publicado pela Gradiva**

**Pode falar um pouco do processo de concepção e escrita deste livro, nomeadamente de algum elemento diferenciador face a outras «escritas» anteriores?**

*Um Passo para Sul* é o meu primeiro romance, o que o diferencia desde logo da minha escrita anterior, a poesia, o conto e a novela. Há algo de singular na história da sua escrita (singularidade que talvez aconteça com todos os livros, cada um a seu modo). O projecto do livro teve uma Bolsa Criar Lusofonia e isso permitiu-me regressar a Cabo Verde, país onde vivi, e onde não voltava há quase vinte anos. A escrita deste romance permitiu-me esse reencontro. Talvez por essa potência particular, de um caldeirão de memórias e novas emoções, ambas intensas, ele foi todo desenhado ali, na Ilha do Sal. Nem sempre os livros acontecem assim, nem sempre se consegue desenhar à partida o fio da narrativa ou as linhas fundamentais das personagens, às vezes um livro vai crescendo pelo seu interior, pelos lados, digamos, no caminho da sua feitura. Não foi isso que aconteceu neste caso: este romance aconteceu como uma seta, o que tornou o processo da sua escrita muito fluido.

Como se tratava do universo da lusofonia, tive vontade também de experimentar a introdução do Kabuverdiano na escrita do livro, de explorar essas proximidades e contradições. Esse desafio linguístico deu-me muito prazer.

**O júri do Prémio Revelação Agustina Bessa-Luís destaca que este romance tem um alcance humano e social profundo. Perceber a natureza humana, considerá-la eventualmente de vários prismas, é essencial para «criar» uma obra como *Um Passo para Sul*?**

Perguntar-se sobre a natureza humana é essencial para a escrita – é algo de que a escrita é refém, até. Só que essa é uma pergunta sempre

em expansão, e pede uma atenção e um reexame constantes, nunca resolvidos.

Na natureza humana colidem dimensões íntimas, políticas, inconscientes, ritualísticas, históricas, culturais, eróticas, económicas, etc. Dimensões abstractas e concretas. Podemos olhar para tudo isso, ao escrever, a partir dos mais variados ângulos, importa fazê-lo. Tantas vezes

**Neste sentido, um terramoto como esta pandemia, [...] é também uma fonte de possibilidades que se abrem [...]**

quantas as necessárias para encontrar o caleidoscópio pessoal da personagem que estamos a criar e da sua situação de vida, e de como isso se integra na narrativa que se desenvolve. Eu não sei se é essencial perceber a natureza humana para criar uma obra, mas sei que a busca dessa compreensão é algo que a move. E que isso se pode reflectir, *a posteriori*, numa leitura como a deste júri, mas também em muitas outras, eventualmente muito distintas entre si.

**O mundo é naturalmente lugar de inspiração para os escritores. Como é que, enquanto escritora, olha para toda a problemática em torno da Covid-19?**

É difícil separar a escritora do resto de mim. Mas vou tentar esse exercício, para procurar responder. Sobre este caso, poderíamos dizer que quem escreve, quando vive a relação com a sua escrita, é de algum modo amoral, desprovido de ética. Por isso podemos matar, construir personagens que eventualmente nos causam asco, etc. A criação é sempre uma abertura a tudo, sem filtros. Neste sentido, um terramoto como esta pandemia, um desajustamento, uma falha súbita, do que até então tomávamos como «nor-

mal», é também uma fonte de possibilidades que se abre e que permite criar a partir de aspectos que surgiram de novo no que conhecíamos do mundo até aqui. É de algum modo tão inspirador quanto turvo e desolador. Sendo difícil, é fascinante. Por isso se multiplicam os actos de escrita em épocas como esta, mesmo entre quem não é escritor ou escritora. Arriscaria até dizer que não há, neste momento, escritora ou escritor no mundo que não tenha escrito algo, por pequeno que seja, sobre tudo isto. Digamos, para fins de metáfora, que a pandemia funciona, para a escrita, como um novo osso à frente de um cão. Uma espécie de convocação. Por outro lado, quem escreve são apenas seres humanos, que por tal sentem esta enorme turbulência com a mesma intensidade, preocupação, impotência, dificuldades materiais e perplexidade que qualquer outra pessoa. E, imagino, a mesma vontade e necessidade urgente de reinvenção.



Publicado em Setembro de 2019 • 204 pp. • 17,00€